

PLANEJAMENTO EDUCACIONAL: TEMPO, ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO

Andres Graciella Ferreira¹
Ivoneete Lunelli Klauck²

RESUMO

Neste artigo focalizam-se os desafios e as possibilidades do professor diante do tempo e espaço dispostos para a organização do planejamento educacional no contexto da Educação Básica, e tem-se como principal objetivo refletir sobre o planejamento como componente indispensável na organização e na dinamização do trabalho pedagógico, no qual se procura estabelecer diferenças entre as diversas dimensões do planejamento em educação. A metodologia utilizada na pesquisa foi de caráter qualitativo. Para atingir os objetivos propostos foram realizadas pesquisas bibliográficas e empíricas, envolvendo duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do Centro Educacional Mundo Infantil (CAIC), situado no Município de Maravilha, SC. Apresenta-se neste artigo o resultado alcançado com a análise dos dados obtidos mediante pesquisa, com indagações que foram sanadas ao longo da sua execução. Conclui-se que o planejamento é necessário, porque possibilita a melhoria da atuação profissional, já que é uma atividade de reflexão sobre a prática; aliando-se a fundamentação teórica à realidade empírica investigada, verificou-se que o planejamento de ensino esboça uma situação futura a partir de uma situação atual e prevê o que, como, onde, quando e o porquê se quer alcançar tal objetivo, a fim de garantir a objetividade, a funcionalidade, a continuidade, a produtividade e a eficácia das ações planejadas, tornando o ensino produtivo e a aprendizagem garantida. Um planejamento de ensino eficaz somente acontece quando há o comprometimento do professor, a busca de sempre estar atualizado e de desejar o melhor para seus educandos. O planejamento educacional é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações.

Palavras-chave: Planejamento. Participação. Organização. Educacional.

1 INTRODUÇÃO

Quando a palavra planejamento é citada em algum espaço escolar o que acaba acontecendo com a grande maioria dos docentes é um semblante desmotivador, uma sensação de desconforto, apreensão e, em alguns casos, até de descrença.

Ainda assim, no dia a dia planejamos o nosso tempo sem nos darmos conta dessa ação. Planejar faz parte do ser humano. Nossa vida é embasada em planejamentos desde o momento que nascemos, pois precisamos dar sentido à nossa existência.

Como educadores devemos acreditar na importância do planejamento, porque este pode contribuir para a melhoria do trabalho em equipe desenvolvido na escola, bem como para aperfeiçoarmos as metas traçadas e as propostas no campo educacional.

O planejamento é um instrumento essencial para uma prática pedagógica mais eficaz e significativa. Sua elaboração exige sabedoria, criatividade, esforço, dedicação, envolvimento, qualidade, comprometimento, investigação e pesquisa, devendo, ainda, ser compreendido como um processo de construção desenvolvido em uma perspectiva democrática e participativa.

Este texto é o resultado de inquietações provocadas pelo universo do planejamento educacional, as quais levaram a buscar referenciais que dessem sustentação e direção para a pesquisa. Procuramos compreender quais são os

¹ Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; Graduada em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora no Colégio Geração Saber; andres_graciella@hotmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí; Pós-graduada em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; ivonetelk@hotmail.com

desafios e as possibilidades do professor diante do tempo e espaço dispostos para a organização do planejamento educacional no contexto da Educação Básica, considerando o planejamento como componente indispensável da organização e dinamização do trabalho pedagógico.

Para fundamentar o trabalho, buscamos responder às seguintes questões de pesquisa: o que significa planejamento educacional? Por que é importante e necessário o educador planejar? Quais as concepções e funções do planejamento? Qual a importância do planejamento para o processo ensino-aprendizagem? Por que a participação no planejamento é vista como um desafio a ser superado? Qual o tempo e o espaço disponíveis ao professor para a organização do seu planejamento? Quais as possibilidades viáveis de aproveitamento do tempo e espaço para organização do planejamento?

A pesquisa realizada foi descritiva, tendo como objetivo descrever as características e a importância do planejamento educacional, envolvendo coleta de dados por meio de um questionário de sete questões dissertativas aplicadas aos professores da Educação Básica, mais precisamente dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Município de Maravilha, Santa Catarina.

As profissionais que responderam aos questionários foram identificadas na análise dos dados como Professora A e Professora B. Com base nos questionamentos, desenvolvemos a análise dos dados, fundamentando-a com o referencial teórico.

Precisamos compreender e ressignificar o grande valor do planejamento no espaço escolar, envolvendo teoria e prática como algo possível, flexível e necessário. Se pretendemos aceitar o desafio da mudança e do crescimento humano, o caminho a ser iniciado e seguido é por intermédio do planejamento.

É importante também considerar que um bom planejamento conta com a participação e o compromisso de todos como autores envolvidos no processo, interferindo nos resultados e na qualidade da educação que será oferecida pela instituição escolar. Por essas razões é que se justifica o presente artigo como instrumento de reflexão para os profissionais da educação.

2 PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Planejar tem uma série de definições, todavia, é importante perceber também suas diferenças e, com isto, compreender o próprio conceito. As palavras planejamento e plano, por exemplo, têm suas diferenças e seus significados:

planejamento é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. Plano é o produto dessa reflexão e tomada de decisão, que, como tal, pode ser explicitada em forma de registro. Portanto, o planejamento, enquanto processo, é permanente. O plano, enquanto produto, é provisório. (VASCONCELLOS, 2002, p. 80).

A elaboração de planos é muito importante em um processo de planejamento, porque os planos são escritos para tornar mais eficiente e mais eficaz a ação do docente e, sobretudo, para dar consistência a um processo de planejamento, alcançando, como resultado adicional, ser processo educativo. Segundo Gandin (2002, p. 61), “fazer plano(s) sem um processo de planejamento é tecer uma rede em que só há os nós e nada que os ligue entre si. Ter um processo de planejamento sem plano(s) é correr o risco de que a rede se desmanche por falta de pontos de ligação dos fios.”

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais. (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

Isso significa que os elementos do planejamento escolar estão recheados de implicações sociais, têm um significado verdadeiramente político porque revelam intenções, e a intencionalidade expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir. Assim, planejar implica tomar decisões, considerar alternativas e resolver problemas. O compromisso com a democratização efetiva da escola acaba trazendo para o professor o desafio de realizar um trabalho que esteja pautado em conteúdos significativos e em uma metodologia participativa. Desse modo, uma previsão bem feita do que

será realizado em classe melhora o aprendizado dos alunos e aperfeiçoa a prática pedagógica do professor. O ensino não existe por si mesmo, mas na relação com a aprendizagem.

Diante desta realidade, o professor não pode fugir do questionamento sobre sua função: dar o conteúdo previsto ou propiciar a construção do conhecimento? Enquanto não perceber que sua real tarefa não é simplesmente cumprir um programa, mas por em prática um projeto educativo, uma proposta de educação, ficará muito limitado em sua ação pedagógica. Se, ao contrário, tiver uma proposta de trabalho a desenvolver, se sua preocupação não estiver na mera transmissão, mas na relação ensino-aprendizagem, seu empenho estará centrado na assimilação crítica e participativa dos educandos. (VASCONCELLOS, 2002, p. 117).

Durante a pesquisa as Professoras A e B afirmaram sobre a importância do planejamento em suas práticas e, conseqüentemente, no processo ensino-aprendizagem. Para a Professora A o planejamento é de extrema importância, pois é quando o professor traçará os objetivos, os conteúdos e os métodos que utilizará nas suas aulas, ou seja, serve como um norteador. Quanto à Professora B, ela explicita que o planejamento é um guia de orientação que auxilia na concretização daquilo que se almeja. Portanto, as duas professoras têm consciência, ou seja, elas percebem que há a necessidade de se estabelecer metas, objetivos e estratégias, também, que envolve o comprometimento de cada um e que o planejamento proporciona maior liberdade, segurança e autonomia para o professor.

Buscamos planejar para que haja resultados positivos no final do processo, tanto para os professores quanto para os educandos, estes os principais beneficiários.

Dessa forma, Vasconcellos (2002, p. 92) ressalta que “o conceito de planejamento traz consigo uma exigência: a participação.”

A participação é uma necessidade humana; é uma questão de respeito pelo outro, de reconhecimento de sua condição de cidadão, de sujeito do sentir, pensar, fazer e poder. Em uma sociedade dividida em classes sociais que simbolizam a divergência, a autêntica participação é uma estratégia de superar a dominação e a exclusão.

Ainda para Vasconcellos (2002, p. 93, grifo do autor),

A participação pode ser enfocada em três níveis (inter-relacionados): a *institucional*, que remete ao tipo de proposta feita para a elaboração do planejamento; a *individual*, que tem a ver com o grau do envolvimento da pessoa, possibilitando o resgate da condição de sujeito por parte do educador; a *coletiva*, relativa à organização dos sujeitos, que pode favorecer a que um conjunto de forças se articule em torno de uma mesma direção, o que aumenta as chances de que as coisas venham a se concretizar [...]

No que diz respeito à organização da Educação Nacional cabe salientar que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), o planejamento é uma atribuição da instituição de ensino, juntamente com o corpo docente; ambos têm um importante papel a desempenhar nesse sentido que é a implementação desse planejamento, considerando que é necessário, acima de tudo, zelar pela aprendizagem dos alunos, reorganizando o seu planejamento quando preciso for.

O professor tem como incumbência não somente ministrar horas-aula garantindo o cumprimento dos dias letivos estabelecidos, mas também participar de forma integral dos períodos dedicados ao planejamento. Um de seus desafios é tornar o ambiente de aula um espaço de aprendizagem, que o faça com fluidez, envolvendo os alunos nesse funcionamento e, na medida do possível, por meio de práticas concretas de ensino-aprendizagem, fazendo com que as ideias sejam assimiladas com alguma eficácia por parte dos alunos.

As professoras participantes da pesquisa, em suas respostas, expuseram que as coordenadoras pedagógicas do Ensino Fundamental da Secretaria da Educação são as principais responsáveis pela organização do planejamento. Porém, planejar os conteúdos e as atividades para o ano letivo é uma tarefa que envolve tanto professores quanto diretores e coordenadores pedagógicos, enfim, todos os profissionais voltados à área da educação pertencentes à escola. Cada professor em sua área planeja com seus pares, não esquecendo que esse instrumento de ação deve ser flexível para as devidas adaptações com os alunos.

Para a grande maioria, trabalhar coletivamente é uma rica fonte de troca de experiências, ideias e sugestões. É uma tarefa vital e de união.

Com base nessas ideias, a Professora A relatou:

Acreditamos que planejar não é difícil, pois temos inúmeras possibilidades de apoio (livros didáticos, internet, a troca de experiências entre os docentes, etc.). Acreditamos que para o professor que é comprometido não há dificuldades para planejar. Porém, reunir o grupo todo é quase impossível; planejar de forma interdisciplinar também é um empecilho; alguns professores negam-se a trabalhar com metodologia de projetos; alguns têm dificuldade na produção escrita de um projeto; resistência na troca de ideias; entre outras dificuldades. (informação verbal).

E a Professora B descreveu: “não vejo dificuldades no planejamento em si. O que sinto é como atingir aquelas crianças com dificuldades.” (informação verbal).

Conforme as professoras A e B, o planejar não é difícil, mas o problema é que para muitos essa atividade apresenta obstáculos. As dificuldades existem, e os professores, apesar das dificuldades, ainda acreditam nos benefícios que o planejamento traz na construção de suas práticas. Alguns o veem como uma ferramenta indispensável, enquanto outros o atendem e o entendem simplesmente como uma burocracia escolar. As desculpas são das mais variadas e tornam-se rotineiras. No entanto, há professores que se preocupam e tentam, sem medir esforços, desenvolver atividades que estimulem os alunos a apreciar o saber e o apreender, ou seja, são comprometidos, como relata a Entrevistada A. Percebemos que, quando há união na equipe escolar, as ações são concretizadas, e os caminhos são facilitados (informações verbais).

A escola é um ambiente muito diversificado, onde as práticas variam de acordo com os professores que as realizam. No trabalho docente, o professor faz muitas opções para que no decorrer da sua atividade o educando consiga apreender aquilo que está sendo trabalhado. Conteúdos, objetivos, avaliação, entre outros, são alguns aspectos com os quais o professor deve estar atento ao planejar suas aulas, pois é na sala de aula que ele coloca em prática as ações que planejou.

Alguns princípios fundamentais devem ser seguidos para que o plano possa ser factível e cheio de significados. Assim, uma aula bem planejada tem um percentual maior de possibilidades de ser bem executada e trazer contentamento aos envolvidos no contexto: professor e aluno.

3 O TEMPO E O PROFESSOR: CONFRONTO OU CONSONÂNCIA?

Um terço da jornada de trabalho dos docentes é garantida por força legal como hora-atividade, dedicada ao planejamento e à preparação de sua prática pedagógica, ou seja, esse é um tempo no horário de trabalho para que os professores repensem a prática, tirem suas dúvidas, planejem a ação pedagógica, tendo como foco o aluno e seu aprendizado. Quando esse tempo acontece de maneira coletiva, pode tornar-se um ato de construção e reconstrução permanente das práticas diárias.

A escola tem um importante papel na formação e no desenvolvimento do homem, e um de seus aliados é o planejamento de ensino implementado pelo professor. Implica investimento de tempo e, sobretudo, energia, crenças, comprometimento, criticidade, ética, tomada consciente de decisões, humildade, paciência, entre outros.

Para que possa cumprir plenamente a sua função social, que é a de formar cidadãos e cidadãs plenamente conscientes da realidade em que vivem e em condições de contribuir para a realização das transformações de que a sociedade necessita, a escola precisa viver um processo de humanização.

O ofício do ser professor é determinante para a qualidade da educação e contribui de forma decisiva para o desenvolvimento do País, em todas as suas dimensões. Para que a sua atuação possa corresponder à importância desse papel social, seu trabalho precisa ser valorizado.

É nessa perspectiva que devemos considerar a importância da Lei n. 11.738/2008, tanto em termos salariais quanto em relação às condições de trabalho concretizadas na composição da jornada de trabalho que essa Lei determina. O texto do § 4º do art. 2º descreve a importância de um terço da jornada de trabalho do professor ser destinado às atividades extra-aula (BRASIL, 2008). Aqueles que exercem a função de professor sabem muito bem que garantir o tempo para as atividades extra-aula é importante, porque consistem naqueles horários dedicados à preparação de aulas,

encontros com pais, com colegas, com estudantes, reuniões pedagógicas, didáticas; e que esse mínimo se faz necessário para a melhoria da qualidade do ensino.

As Professoras A e B afirmaram que têm seus espaços para planejamento com cronogramas e horários flexíveis. Percebe-se que a escola tem essa preocupação em garantir a hora-atividade para os professores para que de fato aconteça a organização de seus planejamentos. Com base nesse cenário é que a utilização do tempo despendido pelo professor resultará e influenciará em sua prática na sala de aula.

O planejamento torna-se um guia; sua função é orientar a prática, portanto, não pode ser um documento rígido e absoluto, pois uma das características do processo de ensino é que está sempre em movimento, está sempre sofrendo modificações. Ele somente tem sentido se o indivíduo colocar-se em uma perspectiva de mudança.

O professor ou é um especialista analista das tarefas precisas para despertar processos muito definidos de aprendizagem, buscando os que cada conteúdo requer e os que cada tipo de atividade desencadeia, ou deve passar a depender de planos muito estruturados concebidos por especialistas externos. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 2000, p. 272).

Essas posições não dão espaço para a complexidade dos conteúdos educativos, esquecendo-se do contexto em que as aprendizagens ocorrem, planejando o ensino em abstrato, sem sentido (currículo nulo).

O planejamento é necessário porque possibilita o enriquecimento da atividade profissional, pois é uma atividade de reflexão sobre a prática e um guia flexível; pode-se mudar detalhes e reorientar os processos, mas as linhas mestras ficam estabelecidas; torna-se um momento privilegiado de comunicação entre o pensamento e a teoria. Por fim, se os planos são antecipações da prática, deixam de ser “simplesmente” exigências burocráticas, tornando-se recursos para conhecer o que se faz dentro das escolas, sendo um excelente instrumento também para avaliar os processos educativos.

Tem que haver elaboração do plano de ação. Mas isto não basta: se não houver a tentativa de colocação em prática, tendo como referência aquilo que foi planejado, estará rompida a unidade do processo, se estabelecerá uma dicotomia entre pensar e fazer, conceber e realizar, teoria e prática, o que caracteriza uma atividade alienada. (VASCONCELLOS, 2002, p. 81).

É fundamental a compreensão de que o processo de planejamento tem seu sentido maior quando se converte em processo educativo. É o fio condutor da ação educativa.

4 ESPAÇO QUE OPORTUNIZA O PLANEJAR E O PENSAR PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), artigo 61, a formação dos profissionais da educação terá como fundamentos:

I - a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; II - a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; III - o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Dessa forma, a Professora A descreve:

a hora-atividade pode ser um espaço a serviço da formação continuada dos professores, com orientações das coordenações da escola ou Secretaria da Educação. A formação continuada auxilia os professores nos planejamentos e em suas práticas, propicia questionamentos e mudanças de práticas. (informação verbal).

Já a Professora B respondeu: “acredito que se bem organizado pode ser um espaço para formação, desde que não utilize o tempo livre do professor.” (informação verbal).

As duas professoras acreditam que a hora-atividade pode ser um espaço para a formação continuada. É nesse espaço que acontece, ou deveria acontecer, uma discussão coletiva dos problemas pedagógicos, promovendo, assim, por meio de leituras e estudos (em uma perspectiva crítica), o desenvolvimento e o despertar da tomada de consciência do professor sobre seu trabalho.

A formação continuada se revela imprescindível para o desenvolvimento e a realização profissional do professor se for concebida segundo uma perspectiva relacional, colocando os professores em situação de trabalho em equipe, em um clima de autenticidade e cooperação, orientados para a análise dos problemas concretos do cotidiano profissional.

Dada a complexidade das funções docentes, principalmente aquelas que se desenvolvem especificamente na sala de aula, o aparecimento de situações-problema ou dificuldades a resolver é uma constante no cotidiano da profissão docente, e, por isso, a formação deve vir ao encontro das reais necessidades dos professores na escola. Apenas assim a formação continuada poderá se constituir em instrumento a serviço da inovação educativa escolar e do desenvolvimento pessoal e profissional do professor.

A formação continuada não deve ser confundida com meras ações de formação pontuais e desarticuladas, somente como um meio de obtenção de “diplomas”, “certificados” ou “créditos” que permitam uma progressão institucional na carreira docente, nem pode ser encarada de forma passiva pelo professor, limitando-se a assistir na perspectiva de “coleccionar certificados de presença”. Esta passividade existirá se a formação continuada for concebida como um mero complemento e atualização da formação inicial, através de um “rol de propostas de formação” igual para todos os professores e independente das suas necessidades subordinando-se os professores a essas propostas definidas isoladamente. (JESUS, 2007, p. 53, grifo do autor).

Podemos perceber que a sociedade contemporânea passa por mudanças cada vez mais rápidas graças às novas tecnologias de informação e comunicação, fazendo com que todos os profissionais tenham que se atualizar sempre. A própria Lei de Diretrizes e Bases (1996) defende uma formação básica sólida para os profissionais da educação, pois eles devem estar preparados para atuar em favor do pleno desenvolvimento do ser humano, considerando diferentes culturas e formas de aprender, preocupados com a sua formação de forma integral, tanto intelectual quanto emocional.

Com base nesses escritos, a hora-atividade é um espaço que oportuniza e garante ao professor o tempo para se dedicar ao planejamento e à pesquisa, e pode ser compreendido, também, como um espaço para a formação continuada dos professores.

O planejamento de ensino tem características que lhe são próprias, isto particularmente, porque lida com pessoas aprendentes, portanto, pessoas em processo de formação humana. Com o planejamento de ensino o professor poderá sempre aprimorar sua prática pedagógica, bem como melhorar o aprendizado dos alunos. Ressaltando a importância do planejamento, questionamos as professoras entrevistadas: “Você entende a hora-atividade como espaço de discussão coletiva na busca de soluções aos problemas enfrentados na sua prática pedagógica?” A Professora A respondeu: “Sim; trocando ideias e angústias conseguimos enfrentar problemas e preconceitos, muitas vezes, impregnados em nós.” A Professora B fez a seguinte explanação: “Nas horas-atividades aproveito para organizar matérias, sugestões, conversar com a coordenação e também para descansar um pouco.” (informações verbais).

As horas de atividade extraclasse são essenciais para que o trabalho do professor tenha a qualidade necessária e produza resultados benéficos para a aprendizagem dos estudantes. Assim, por intermédio da realização de estudos e discussões coletivas há a possibilidade de repensarmos o trabalho pedagógico que está sendo realizado na escola.

Trata-se de uma proposta de trabalho que não se expressa em interesses individualistas de pessoas isoladas, mas no interesse comum de um conjunto de profissionais que ao definirem-se no coletivo, definem tanto o destino da sua instituição e o destino quanto o de homens e mulheres que irão formar. Uma mesma direção e uma mesma qualidade se definem, então, com uma só organização de trabalho, por meio de diversas formas de execução específicas dos conteúdos científicos, técnicos e éticos a serem trabalhados. É o sentido unitário que garante a verdadeira qualificação e a consequente humanização e promoção humana. Somente a participação efetiva e coletiva do conjunto de educadores de uma instituição escolar garante que um projeto se viabilize e concretize, porque, convictos do homem e da mulher que desejam formar para a sociedade que querem construir, são capazes de trabalhar nesta direção. (SILVA, 2006, p. 111).

A escola busca resultados positivos com um sentido mais forte de prática da democracia, de oportunidade ao grupo de profissionais para intervir nas decisões da organização e definir *coletivamente* o rumo dos trabalhos.

A participação deve acontecer em todas as instâncias: sensibilização, discussão, decisão, colocação em prática, avaliação e resultados do trabalho. É fundamental que o planejamento seja entendido como uma contribuição para que, em nossa sociedade, diminuam as diferenças entre os que têm e os que não têm, os que agem e os que não agem, os que sabem e os que não sabem. E que, segundo Gandin (2002), o grande remédio é a participação, porque ela é a mola para a conscientização.

A escola tem um importante papel na formação e no desenvolvimento do ser humano; e um aliado insubstituível dessa concepção de escola é o planejamento educacional, que possibilita a organização de metodologias, conteúdos e atividades a serem desenvolvidos pelos professores em sala de aula, baseado, portanto, na necessidade e no conhecimento de mundo dos educandos que, por sua vez, são os principais interessados e, possivelmente, os principais beneficiados com o sucesso na formação de seres humanos críticos, reflexivos, encontrando e (re)criando sentido para suas vidas.

5 CONCLUSÃO

Cada ideia refletida, cada frase elaborada, cada palavra escrita descreve o grandioso trabalho que faz saciar um pouco a sede de entender o contexto escolar, permitindo ir a campo questionar os mais diversos porquês. Algumas ideias descrevem um contexto que merece atenção e reflexão.

Entrelaçar esse emaranhado de conhecimentos foi uma tarefa que exigiu observação, leitura, compreensão e análise. Nem todos os objetivos foram alcançados, e muitas indagações e dúvidas continuam a nos desafiar.

Escrever sobre o planejamento educacional nos fez entender um pouco mais sobre a nossa realidade escolar e quanto é importante estabelecer metas para sabermos que rumo tomar diante dos desafios diários que enfrentamos na escola.

Assim, todas as ações humanas requerem planejamento para que sejam bem executadas e possam obter resultados. Na educação, o planejamento é o sinalizador das ações necessárias para a condução do processo de ensino e para que sejam atingidos os resultados desejados. É o instrumento que possibilita a disseminação das políticas públicas educacionais entre gestores, coordenadores e professores. Dessa forma, planejar requer ética, responsabilidade, participação, tempo, espaço e organização.

A vida na educação é uma grande máquina da qual fazem parte várias engrenagens, todas devem estar em sintonia e trabalhar juntas. Ela não é perfeita, às vezes, acontecem problemas; então, é preciso fazer ajustes para que sua atividade continue seguindo em frente. Nós também somos assim, não somos perfeitos, somos seres inacabados, inconclusos e precisamos muito de ajuda mútua; quando as ações são coletivas os resultados podem ser surpreendentes e fascinantes.

Educational planning: time, space and organization

Abstract

This article focuses on teacher's challenges and opportunities before the time and space for the organizing of the educational planning in the context of Basic Education, with the main objective of reflecting on planning as an essential component in the organization and promotion of the pedagogical work, in which it is sought to establish differences between the various dimensions of planning in education. The methodology used in the study was qualitative. To achieve the proposed objectives were carried out bibliographic and empirical researches with two teachers of the early years of elementary school from Centro Educacional Mundo Infantil (CAIC), in the city of Maravilha, SC. This paper presents the results reached with the data analysis obtained through research, with questions that were answered throughout its execution. It is concluded that planning is necessary because it facilitates professional development, since it is a reflection activity on the practice; combining the theoretical framework with the empirical reality investigated, in which it was verified that pedagogical planning outlines a future situation from a current situation and forecasts what, how, where, when and why it needs to accomplish the goal in order to ensure objectivity, functionality, continuity, productivity and effectiveness of planned actions, making productive teaching and learning guaranteed. Effective teaching planning only works if there is commitment from the teacher, the pursuit of always being up-to-date and crave the best for their students. Educational planning is a reflection activity about our choices and actions. Keywords: Planning. Participation. Organization. Educational.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BRASIL. Lei n. 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jul. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

JESUS, S. N. de. **Professor sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PARO, V. H. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 763-778, set./dez. 2010.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, N. S. F. C. da. **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VEIGA, I. P. A. **Escola**: espaço do projeto político-pedagógico. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).